

## O professor segundo o “Diário” de Sebastião da Gama

José H. Barros-Oliveira<sup>1</sup>

Não interessa construir homens, como pretendia a pedagogia mecanicista, mas descobrir homens (Delfim Santos).

Toda a vida de um indivíduo não é outra coisa senão o processo de dar à luz a si próprio (Erich Fromm).

O educador age não somente por aquilo que diz e faz, mas mais ainda por aquilo que é (G. Mauco).

A felicidade não se recebe nem se plagia; é em cada indivíduo labor original e criador (Ortega y Gasset).

Sebastião da Gama (+1952) foi um poeta e escritor português que se celebrou também como pedagogo no livro que escreveu sobre o dia-a-dia das suas aulas e que intitulou de “Diário”. A sua leitura pode ainda hoje ser útil aos professores, particularmente nestes tempos em que a relação pedagógica não se afigura fácil. A sua pedagogia (pela positiva) centra-se no aluno, no respeito e amor por ele, procurando a sua felicidade. Assim, realça fundamentalmente como qualidades do docente: amar os alunos, ser criativo, respeitador e alegre. Isso reflecte-se na didáctica e mesmo na avaliação. A disciplina é também centrada no aluno e o castigo é aplicado só em último caso. Enfim, trata-se de uma pedagogia vital, que acredita no aluno e visa transformar a aula num convívio e numa ‘festa’, sem detrimento da aprendizagem propriamente dita.

Nos tempos conturbados em que vivemos, o “Diário” de Sebastião da Gama (passou em 2008 o cinquentenário da sua publicação póstuma) pode constituir, para educadores e educandos, uma lufada de ar fresco susceptível de a todos ajudar a levar o barco a bom porto. Como afirma Ribeiro (2009), “ainda hoje se torna pertinente lê-lo e, provavelmente, a sua leitura ajudaria a encontrar soluções para muitos dos problemas de que a educação enferma no presente” (p. 67). Mais à frente insiste que esta obra “deveria

---

<sup>1</sup> Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

ser de leitura obrigatória na formação de professores – e, já agora, de conhecimento não menos obrigatório para pais e governantes preocupados com a educação” (p. 71).

Algo se tem escrito sobre esta obra pedagógico-didáctica, como o ensaio de Jesús Herrero (s/d), um espanhol que se radicou em Portugal e que escreveu diversos artigos sobre Gama recolhidos numa pequena monografia muito pertinente. Outro exemplo é o recente artigo de João Reis Ribeiro (2009) que analisa o Diário, inspirando-se em Santos (2008). Outros estudos sobre Gama podem ser encontrados em diversos tratados da literatura portuguesa, e ainda numa compilação das comunicações de um encontro realizado em 2004 no Convento da Arrábida subordinado ao título “Sebastião da Gama – o poeta e o professor. Perspectivas e Estudos” (cf. Ribeiro, 2009).

Herrero (s/d), começa por citar algumas passagens de críticos literários como Lindley Cintra que afirma: “O Diário é, sem dúvida, um dos mais impressionantes documentos humanos escritos em Portugal na primeira metade do século XX – documento sobre a maneira como concebia o ensino e a vida alguém para quem dar uma aula mal se distinguia de criar um poema” (in Herrero, s/d, p. 15). Outra citação de J. Prado Coelho: “Todos os professores deviam ler o Diário de Sebastião da Gama. (...) O livro cheio de sugestões didáticas é um estímulo precioso. E a sua eficácia pedagógica bem poderia exceder o âmbito da escola” (*ibidem*, p. 15). Mais à frente (pp. 24-26), Herrero apresenta outros testemunhos de quem conheceu Gama ou foi seu professor na Faculdade de Letras, todos realçando a grandeza de alma e a vontade de viver deste jovem, embora a morte o espreitasse desde criança.

Herrero entusiasma-se com o pedagogo-poeta que é Sebastião da Gama, aproximando a sua filosofia da de Ortega y Gasset que fala da “razão vital e histórica”. A certa altura considera que “o Diário é na realidade o poema pedagógico mais belo que jamais se escreveu em Portugal, é um dos relatos mais vivificantes do homem português com que a história da educação pode contar. Em jeito de narração, a razão vital de um pequeno filósofo e grande coração, mostra-nos os caminhos por onde o amor avança estruturando indivíduos, edificando pessoas por meio de palavras que ajudam a pensar e de desejos que ajudam a realizar a nossa condição itinerante por meio do sonho” (p. 33). Nesse sentido, cita o poema de Gama “pelo sonho é que vamos”.

Por sua vez, o livro de Alexandre Santos (2008), na sequência da sua tese de Mestrado (Universidade Aberta, 2008), analisa com entusiasmo os diversos aspectos da pessoa de Sebastião da Gama e da sua pedagogia. Intitula o primeiro capítulo “o autor e o seu tempo” situando o poeta e o mundo em que viveu, mostrando-se fascinado pela sua grandeza de vida, que mais desenvolve no segundo capítulo – “o poeta e o pedagogo” – analisando as diversas obras, insistindo no amor como centro da sua

vida. Finaliza com o capítulo “em demanda de uma arte poética” que, em Gama, é cheia de espontaneidade, liberdade e verdade.

Sebastião Artur Cardoso da Gama nasceu em Vila Nogueira de Azeitão a 10 de Abril de 1924 e morreu em Lisboa a 7 de Fevereiro de 1952 (vítima de tuberculose óssea e de meningite renal), sem haver completado os 28 anos. Vida tão breve, encheu-a de amor, de poesia e pedagogia. Os primeiros três livros foram de poesia: *Serra-Mãe* (1945), *Cabo da Boa Esperança* (1947), *Campo Aberto* (1951). Obras póstumas: *Pelo sonho é que vamos* (1953), *Diário* (1958), *Itinerário paralelo* (1967), *O segredo é amar* (1969).

Gama licenciou-se em Filologia Românica na Faculdade de Letras de Lisboa, em 1947. Meses depois iniciou a docência como professor provisório na Escola João Vaz, em Setúbal, tendo aí leccionado o ano lectivo 1947-1948 e início do ano seguinte. Em 11 Janeiro de 1949 inicia o seu estágio de professor na escola Veiga Beirão, em Lisboa, datando desse dia a primeira página do *Diário*, instigado pelo seu metodólogo, Virgílio Couto, declarando a sua intenção de “ir ensinando” em convivência com os alunos (p. 31).

O “Diário”, que cobre pouco mais de um ano lectivo, ficou em manuscrito, dada a morte prematura do autor, sendo editado postumamente. Tem o prefácio de Hernani Cidade. Este crítico literário, afirma que o seu autor já pensava certamente em publicá-lo, pois declara que “é quase um diário íntimo”. E diz ‘quase’ porque tem consciência de que outros o lerão, mas acrescenta que isso “não obsta a que sejam sinceras todas as minhas palavras e verdadeiras todas estas histórias” (p. 123).

Hernani Cidade exalta a alma de professor e poeta Sebastião da Gama, “singularíssima alma, como em toda a minha longa vida de professor me não foi dado conhecer outra” (p. 9). Mostra a sua admiração pelo “estudantinho atarracado e risonho, de olhos crepitantes e leais” (p. 9), uma vez que o teve como aluno na Faculdade de Letras de Lisboa. Nota que já então o autor do *Diário* era doente, mas cheio de poesia e bondade. Insiste nas suas qualidades de professor, no seu jeito de descer ao nível dos alunos tornando-se um “professor-camarada” sendo os alunos “seus camaradas mais novos” (p. 17). Realça outrossim o seu modo de disciplinar, de conduzir pelo coração, de procurar levar a bem mesmo os alunos mais rebeldes. No fundo, como diz Clara Rocha (1992), é a história de como uma vida se entrega de alma e coração aos outros, aos alunos, no caso vertente.

Sem mais considerandos preliminares e biográficos, dêmos essencialmente a palavra a Sebastião da Gama, tentando distribuir em diversas alíneas os seus principais ensinamentos pedagógicos, deduzidos directamente do *Diário* (a página das citações é da edição de 1962).

## Sebastião da Gama: Poeta e Professor

Trata-se de um professor competente, totalmente centrado nos alunos, íntegro como pessoa humana, amigo dos alunos, como uma espécie de pai, compreensivo e respeitador da sua liberdade, sabendo levar a disciplina com bons modos e métodos, corrigindo sem ofensa. E realmente os alunos aprendiam com métodos activos, fazendo-os participar, inventar e ler textos. E tanta coisa se aprendia para além da gramática, como por exemplo iniciar tão precocemente ao conhecimento de “Os Lusíadas” de Luis de Camões. Servia-se de todos os meios, chegando a criar até um periódico-semanário que os alunos enchiam com contos, reportagens, etc. (pp. 354-355). Enfim, era professor ‘ubicumque’ (em toda a parte) (p. 353) e de facto até na rua ensinava, quando se cruzava com os alunos. A inspiração e o jeito natural de ensinar e ser professor a si se deve, mas também ao metodólogo Virgílio Couto que ele cita muitas vezes e que era um espírito aberto e renovador, aprovando e apoiando as ideias do poeta.

Professor/Poeta, amigo das pessoas, a começar pelos alunos, mas também amigo dos animais, por exemplo, quando fala da “semana do animal”, de fábulas, de pássaros, de paisagens. Mostra o seu amor pela Natureza, por tudo o que é belo, a começar pela ‘sua’ Serra-Mãe, a Serra da Arrábida. Nesta grande sensibilidade poética arrasta também os alunos. A certa altura faz uma descrição muito bela do poeta (certamente pensando em si) que começa assim: “O poeta beija tudo, graças a Deus... E aprende com as coisas a sua lição de sinceridade... E diz assim: ‘É preciso saber olhar...’ E pode ser, em qualquer idade, ingénuo como as crianças, entusiasta como os adolescentes e profundo como os homens feitos...” (pp. 93-94).

Gosta de viajar sozinho “para povoar a minha solidão da paisagem que vou vendo”, mas também “para conhecer mais gente que mereça a pena”, a fim de “descobrir o coração dos que vão comigo, senti-lo bater”. E constata que “andamos no mundo quase todos como se fôssemos desconhecidos uns dos outros; e eu não quero que haja desconhecidos: quero Amor, quero a mesa aberta, quero a sinceridade e o abraço” (p. 175). Homem simples, honrando-se de pertencer a gente humilde, sentindo-se melhor ao pé dos simples do que dos doutores: “Interessa-me bem mais o amor dos pequenos do que a consideração dos grandes (pp. 51-52). Já quase para o fim do Diário nota: “Cada vez sinto menos vontade de ser gente importante, gente digníssima e ilustríssima...” (p. 297).

Usa de toda a lisura e honestidade não fazendo que sabe se não sabe, comentando: “Por mim, nego-me a impor-me desta maneira medrosa e desonesta e será, como

tem sido, sempre sem vergonha que direi que não sei” (p. 52). Às vezes – diz – dá-se um ar de vaidade, mas na prática não se considera vaidoso. A verdade é para se dizer: “Eu só estou convencido de que tenho em mim algumas qualidades, graças às quais não é desonestamente que sou professor” (p. 68). Não desdenha afirmar que há professores com mais qualidades do que ele, mas também outros que não têm essas qualidades. Em todo o caso, nele aproveita-se “o bom propósito de ir melhorando e de chegar um dia (se o espírito se não acovardar com o tempo) em que serei *quase* um bom professor”. E acrescenta: “É justamente nesse dia que eu morrerei: quando for quase um bom professor” (p. 69). Considera-se, enfim, um “pobre professor ignorante, rico apenas de entusiasmo e inspiração” (p. 264). Noutra altura afirma: “O meu drama resulta de que a mim só me interessa ser bom professor. Ser bom professor consiste em adivinhar a maneira de levar todos os alunos a estarem interessados; a não se lembrarem de que lá fora é melhor” (p. 131).

A delicadeza e respeito pelos alunos, levava-o, por exemplo, a não riscar os cadernos a vermelho e a chamar os alunos pelo nome e não pelo número, e comenta: “Eis aqui mais uma coisa a ensinar nas aulas de português: que um homem é um homem” (p. 122). Dada a sua bondade e simplicidade, despede-se do Diário (e quase da vida) com confiança: “Aqui estou novamente na Arrábida, a firmar as forças e cheio de confiança, de serenidade, de sonho. Cabo da Boa Esperança!” (p. 360).

### **Qualidades do (bom) professor**

Falando da pessoa de Sebastião da Gama, poeta e professor, já ficaram expressas algumas qualidades do bom professor, pois ele mesmo – modéstia à parte – pode e deve ser considerado como tal. Mas insistamos em mais alguns aspectos. Afirma que o seu metodólogo (responsável pelo estágio e que desde o início estabeleceu uma ótima simpatia e cumplicidade com o estagiário) “encontrou a definição de professor como eu a vejo: ‘Ser professor é dar-se’ (p. 80). Numa carta, um colega escrevia-lhe “ENSINAR É AMAR”. E comenta: “Estamos todos de acordo e, ainda bem, neste ponto” (p. 80). E quanto a amar, desafia: “Tens muito que fazer? – Não; tenho muito que amar. Não entendo ser professor de outra maneira. E não me venham dizer que isso assim cansa e mata; morrer-se, sempre se morre: e à minha maneira tem-se a consolação de não ser em vão que se morre de cansaço” (p. 127).

Ensinar é amar e também “ensinar é ser. Antes de tudo, ser. A vida do professor deve ser (tanto quanto possível, pobres de nós!) luminosa e branca. Mais que não

ser ignorante, importa não ser mau, nem desonesto, nem impuro... tanto quanto possível, pobres de nós!" (p. 86). "Para ser professor, também é preciso ter as mãos purificadas. A toda a hora temos de tocar em flores. A toda a hora a Poesia nos visita. O aluno acredita em nós e não deve acreditar em vão. Impõe-se-nos que mereçamos, com a nossa, a pureza dos nossos alunos; que a nossa alimente a deles, a mantenha. Sejamos a lição em pessoa - que é isso mais importante e mais eficaz que sermos o papel onde a lição está escrita; e possamos dizer sem constrangimento: Deixai-as vir a mim, as criancinhas..." (p. 146).

Lendo o teórico italiano Radice, durante as férias da Páscoa, comenta: "Saí mais consciente da minha missão de professor, vi mais agudamente a beleza e a responsabilidade de ser professor, quis ser professor mais do que nunca. Radice cimentou em mim 'a coragem de afirmar, contra tudo e contra todos, a verdade de que nos julgamos possuídos'. Bendito seja Deus por eu ser professor" (p. 159) (escreve Professor com maiúscula). A sublime missão de educador justifica-se por si mesma, para além da remuneração. Por isso afirma que a Lourdinhas (uma colega) deu bem a entender o que deve ser um bom professor - um pessoa desprendida: "Então a gente anda aqui tão feliz e no fim do mês ainda nos dão dinheiro?" (p. 53).

Qualidade primordial do bom professor é fazer os alunos felizes. Afirma logo no início do Diário: "o que eu quero principalmente é que vivam felizes" (p. 31). Outra grande qualidade é a lealdade, como faz saber logo nas primeiras aulas: "'Não sou junto de vós mais do que um camarada um bocadinho mais velho. Sei coisas que vocês não sabem, do mesmo modo que vocês sabem coisas que eu não sei ou já esqueci. Estou aqui para ensinar umas e aprender outras. Ensinar, não: falar delas. Aqui e no pátio e na rua e no vapor e no comboio e no jardim e onde quer que nos encontremos'. Não acabei sem lhes notar que 'a aula é nossa'. Que a todos cabe o direito de falar, desde que fale um de cada vez e não corte a palavra ao que está com ela" (pp. 32-33).

A propósito das recomendações especiais, vulgarmente chamadas 'cunhas', comenta: "Como aceitá-las, se todo e qualquer aluno meu, pelo simples facto (e maravilhoso para mim) de o ser, me está especialmente recomendado?" (p. 40). Uma outra característica do bom professor é a sua sensibilidade para repreender e castigar. Uma vez que um aluno - o Fosco - se portou mal, disse-lhe que no dia seguinte seria julgado: "ele que escolhesse o seu advogado de defesa, e um deles que se propusesse advogado de acusação (pp. 163-164).

Não gostava de chamar os alunos pelo número mas pelo nome e confessa que tinha duzentos alunos mas “sabia a certa altura o nome de todos eles” (p. 121). E desejava que os alunos se habituassem também ao nome e não ao número, apesar de ter consciência de ser mal acompanhado: “o que a gente constrói numa aula vão logo a seguir destruí-lo outros” e explicita: “Ainda há, infelizmente, muito professor que prefere o número” (p. 122).

Ainda sobre os professores, ousa criticar aqueles “para quem ensinar é ‘un frete’ e o aluno é um inimigo. ‘Cuidado com o aluno!’, preceituam. Eu também preceituo: ‘Cuidado com o aluno!’” (p. 156). Tem consciência mesmo de que nem todos servem para esta missão e é realista ao ponto de afirmar: “Acho não só justificável como ainda, e principalmente, necessária e honesta a severidade em qualquer exame para professor. Para se salvar um homem podem-se perder mil; para se servir um colega ou beneficiar um amigo (coisa que, mesmo neste delicadíssimo caso, é capaz de acontecer), entregam-se centenas de crianças a um incompetente” (p. 148).

### **A aula: pedagogia, didáctica e avaliação**

Sebastião da Gama concebia a aula antes de mais como um espaço de convívio, “um pretexto para estar e conviver com os rapazes, alegremente e sinceramente” (p. 31), enfim, uma festa. Falando com entusiasmo da poesia e da “samana da poesia”, termina poeticamente: “Aqui fica o programa da festa (é verdade: porque não passará a definir-se, desta maneira, nos dicionários, a palavra aula?), que decorreu num ambiente simpático e por isso mesmo agradável” (p. 97). Certo dia comenta: “Hoje sim senhor! A aula foi uma coisa alegre, vibrante, harmoniosa. Principalmente harmonia – entendendo-se por harmonia justamente o que deve entender-se: comunhão perfeita de nós todos. Às vezes tenho a sensação de que o mundo começou de novo” (p. 137). Isso não lhe tirava o realismo e as dificuldades, mas ao menos algumas vezes enchia-o de gozo: “O que era bom era dar sempre aulas como a de hoje! Vir da aula tão feliz que tivesse precisão de gritar ao primeiro desconhecido: – Sabe? Dei hoje a melhor aula, a aula mais linda da minha vida!” (p. 262). E outra vez: “Foi uma aula ‘cheia’ que me deixou contente e os há-de ter deixado também a eles. Uma lição de amor” (p. 318). E muito mais coisas aconteciam e se sentiam, pois o que narra é apenas uma “caricatura” do que realmente se passava nas aulas (p. 68).

Isso não acontecia sem trabalho e sem criatividade: “ao professor é indispensável a imaginação” (p. 134). Assim, é preciso que se fale com eles (alunos) tão concretamente

quanto possível, é preciso que a linguagem, os exemplos, os temas os impressionem” (p. 84). E pouco mais à frente escreve: “Sempre que possa, lerei trechos dos rapazes. Eles pedem, gostam de ouvir o que os companheiros escreveram e é mais estimulante isto do que a competição, a luta pelo primeiro lugar. Em vez da concorrência, haverá a admiração, o entusiasmo, o amor pelo que fazem os que vivem e trabalham conosco. Este é o quadro de honra que eu aprovo” (p. 85). A certa altura diz ainda: “Vinguei que não andamos ali a decorar coisas: andamos a aprender; aprender não é meter na cabeça: é aprender” (p. 118). Quanto à preparação das aulas, embora responsável, confessa que há lugar para a improvisação, acontecendo que por vezes sai melhor do que “preparada tim-tim por tim-tim” (p. 50).

Insistindo na dinâmica e interação entre ensino e aprendizagem, entre o professor e o aluno, comenta: “o que mais me agradou na aula é que ela foi nada mais nada menos do que uma lição dada por eles (alunos) a eles próprios e a mim” (p. 121). Um aluno (o Aragão) observou-lhe que o docente também aprende com os alunos que lhe mostram o que ele não via, e então comenta: “Bem hajas por teres percebido que entre o ensinar e o aprender há tão pouca diferença que os dois conceitos se exprimem em francês pela mesma palavra” (pp. 210-211). Assim, era natural que os alunos perdessem o medo à ‘chamada’ e até passassem a gostar, uma vez que mais do que para avaliar era para aprender, e comenta: “Pois sim, senhor, para aprender é que é: para eu aprender, para o aluno aprender; para estarmos mais perto um do outro; para partirmos a aula a meio: pataca a mim, pataca a ti” (p. 41).

A consideração que nutria pelos alunos, levava-o a seguir duas normas: “a) ler tudo que os alunos escrevem; b) fazer correcção individual, junto do aluno, podendo gastar com isso tantas aulas quantas as necessárias” (p. 48). Este respeito pelos alunos e o desejo de que se sentissem felizes (embora devessem trabalhar), levava-o a pormenores, como não corrigir os exercícios a tinta encarnada, preferindo corrigir a lápis ou a tinta azul, “porque a vermelha lembra-me sangue a escorrer de feridas” (p. 118). Também não ousava riscar o caderno, o que “pode equivaler a uma reguada” (p. 119). Deixava mesmo os alunos contar anedotas na aula, o que se tornava também “uma viva lição de Português” (p. 160), sob muitos aspectos, e ainda uma lição de civilidade e respeito pelos outros. Assim, propôs uma “semana da Aneidota”. Ia até ao ponto de fazer da repreensão uma espécie de julgamento na aula com advogado de acusação e de defesa, servindo isso também para aquisição de vocabulário (cf. pp. 163-165). Boa pedagogia é ainda saber tirar partido do erro: “O erro é cheio de sugestões que convém aproveitar” (p. 82).

Quanto à avaliação dos conhecimentos, que faz parte integrante do processo ensino-aprendizagem, tem bem a consciência dela ser necessária, mas susceptível de gerar injustiças, não devendo, em todo o caso, ser um fim mas um simples meio. Assim, considera-a “tarefa ingrata” e “difícil, muito difícil por vezes” (p. 157) dada a falta de elementos suficientes ou a dificuldade em avaliar o esforço dos alunos para além do que realmente mereceram no teste; por isso muitas vezes dava nota superior como que “emprestando valores” (p. 158). Afirma que “cada vez me apetece menos classificar os rapazes, dar-lhes notas, pelo que eles ‘sabem’. Eu não quero (ou dispenso) que eles metam coisas na cabeça; não é para isso que eu dou aulas. O saber – diz o povo – não ocupa lugar; pois muito bem; que eles saibam, mas que o saber não ocupe lugar, porque o que vale, o que importa (e para isso pode o saber contribuir e só contribuir) é que eles se desenvolvam, que eles cresçam, que eles saibam ‘resolver’, que eles possam perceber” (p. 216).

Também as médias de diversas classificações podem ser injustas. “Já tenho notado que é absolutamente justo, perante o caso de um aluno que, no princípio do período, dá uma prova classificada com seis valores, a meio outra com doze e no fim outra com catorze, passar uma esponja sobre a primeira classificação. De aqui tirei eu uma norma: ‘Olhar ao presente’. É assim que ninguém desanimará, porque um seis – digo-lhes eu – por vezes não quer dizer nada. Além de que o número é uma avaliação tão tosca!...” (p. 43). Assim sendo, a certa altura começou a preferir a avaliação qualitativa à quantitativa, ao mesmo tempo que lhes fazia compreender que “a redacção não é para a nota; é para aprenderem a escrever” (p. 49). Deste modo, deixaram os alunos de andar à roda dele para saber a nota. Repete que gostava que os rapazes “não ligassem importância de valoração quantitativa das notas; que as tomassem como símbolos, não como prémios” (p. 183). Fazia ainda acompanhar a correcção dos testes de cada aluno com uma nota de estímulo (cf. pp. 218-219).

### **Elogio e respeito pelos alunos**

Falando das qualidades do bom professor e da pedagogia usada na sala de aula, já ficou patente o amor e respeito de Gama pelos alunos, dando-lhes um voto de confiança, tornando-os actores na aprendizagem, tendo cuidado de não os ferir, etc. Mas insistamos em mais alguns aspectos. Antes de mais a constatação: “Não há rapazes maus. Há falta de boa vontade, de amor, da nossa parte. Quantos (Deus me perdoe!) não terei eu já abandonado?” (pp. 170-171). Quase ao findar do Diário

repete: “Gente boa, gente minha. Não há rapazes maus” (p. 349). E ainda: “Gente muito fina. Eu tenho por eles, além de amor, admiração. Tenho pena de não poder ter mais convivência individual com eles – trazer um por um a minha casa, estar cada dia com um deles, a falar, a ouvi-lo falar, a vê-lo por dentro. Que rapazes estupendos! Que sorte grande me caiu nas mãos!” (p. 210). Mesmo a terminar escreve ainda esta ternura: “As crianças são uns amores” (p. 358).

Os alunos também sabem corresponder a quem merece a sua simpatia: “A gente nunca fica roubado em ternura. Os alunos só a não dão a quem lha não dá. – ‘O quê, você acredita na amizade dos alunos?’ – Pois claro que acredito. O que eles não gostam é de desperdiçá-la” (p. 229). Noutro lugar reconhece: “Estes rapazes têm uma capacidade de não esquecer que me lisonjeia, porque faz logo supor que só o interesse os levou a fixar o que fixaram” (pp. 318-319).

Frequentemente alude a casos concretos de alunos que lhe mereciam atenção especial. Certa vez, depois de falar ternamente do Barradas que faltava às aulas e que ele foi busca à taberna, dando-lhe bons conselhos, até às lágrimas do rapaz, comenta: “Eu falara-lhe com uma voz pequenina, que não ralhou nunca. Disse-lhe que tenho confiança nele e tenho mesmo. O Amor converte os pecadores, quanto mais o Barradas que é um rapazinho manso e bom!” (p. 199). E escreve logo a seguir: “Primeira lei: acreditar no aluno” (p. 199). O Fosco, um dos rapazes de que ele mais fala, a certa altura resolveu abandonar a escola. Ele não descansou, escrevendo ao pai, até que o fez voltar de novo e comenta: “Nem que a aula de hoje não valesse de nada, já este dia seria para mim um grande dia; dei, de contente e de grato, um abraço ao Fosco e pedi a todos que ‘in mente’ lhe dessem um também, porque a turma estava em festa” (p. 315). Outra vez, intercedeu junto de determinado professor para que não acusasse o Romão ao pai, garantindo: “o Romão fica sob a minha fiança” (p. 339).

## **Disciplina e castigo**

Apesar de tudo, é realista e reconhece que muitas vezes a indisciplina deve ser atribuída aos alunos, mas o bom professor pode sempre fazer alguma coisa (cf. p. 131). Porque a (in)disciplina depende também do professor. A certa altura nota: “Os rapazes hoje portaram-se bem. Mas portaram-se bem porque eu me portei bem” (p. 190). Em todo o caso, o educador deve compreender a fraqueza humana: “Dêmos o coração sobretudo àqueles que erraram; a esses não os condenemos logo; busquemos antes,

pelo Amor, que é compreensão, antes de mais nada trazê-los ao bom caminho” (p. 166). E dá o exemplo de uma pessoa que está na cadeia, mas que no fundo é boa.

Isso não obstava a que por vezes usasse de sérias reprimendas, sobretudo quando, devido à doença, teve de estar mais de um mês sem dar aulas, confiando os seus alunos a uma outra colega. Lamenta que, tendo voltado costas, a amizade fosse tão mal paga e acrescenta: “A uma pessoa tão minha amiga, que me fez o favor de trabalhar por mim todo o tempo em que estive doente, tratam-na vocês o mais incorrectamente, o mais malcriadamente que pode ser. Essa má-criação e essa incorrecção são tanto mais graves quanto é certo que foram cometidas para com uma senhora. Vêem todos, portanto, que razões tenho eu para estar magoado e desiludido” (p. 309). Podia pensar-se que o seu método ‘liberal’ de levar os alunos e a confiança que tinha depositado neles, não tinha resultado. Mas outras turmas, levadas com outro rigor, ter-se-iam comportado melhor nessas circunstâncias?

Há casos onde a disciplina é mais difícil, sobretudo com alunos ‘especiais’ onde não se pode exigir ao docente que faça ‘milagres’. Já foram referidos atrás alguns casos, sobretudo o do Fosco. Sobre ele diz ainda a certa altura em que a confusão e a indisciplina reinavam: “A certa altura pedi ao Fosco, muito calmamente, que saísse (da aula). O Fosco saiu, mas eu é que o trago atravessado na garganta. (...) O Fosco saiu porque fez barulho – e fez barulho porque a aula não lhe interessou – e não lhe interessou talvez porque ela não tinha interesse nenhum – e quem devia ir para a rua era eu” (p. 133). E lembra outro caso em que se viu forçado a pôr fora da aula um aluno, e comenta. “Fiquei tão doente que parti o giz que tinha nas mãos e já não fui capaz de continuar a aula” (p. 133).

Aos que agem ou argumentam: ‘Ponha-se na rua!’, Não ligam nenhuma ao que a gente diz’, ele comenta: “Ali está uma solução errada e aqui uma visão, também errada, de um problema que é um caso sério. Em grande parte dos casos, quem devia ir para a rua era eu, era o professor; eles não ligam nenhuma, em grande parte dos casos, porque não pode interessar-lhes o que só queremos impigir-lhes à força” (p. 190).

Outro exemplo de aluno que não conseguiu domar apenas com belas palavras foi o do Artur, acabando por o ameaçar que ia acusá-lo ao pai. Está convencido de que vale a pena falar com os pais mesmo que seja “só para lhes dizer – quando isso é verdade – que os filhos vão na ponta da unha. Ficam eles felizes e fico eu. Agora, quando a coisa está torta, o negócio trata-se entre o professor e o aluno. Assim é que o professor é o amigo – e é raro o aluno não querer escutá-lo. De outra maneira,

o professor passa a ser olhado como ‘o queixinhas’, o causador de uma bofetada, de uma reprimenda, quantas vezes violentíssimas” (pp. 303-304).

Todavia, é realista e logo acrescenta: “Mas há casos em que as teorias têm de ser postas de parte. Com o Artur, é o que acontece. Já experimentei tudo: Zangar-me, mostrar que não passa de um palhaço, pedir-lhe em nome da minha saúde, de modo a comovê-lo, que tenha juízo. Tudo inútil. Até que um professor me aconselhou a meter-lhe medo. A falar-lhe do pai, a chamar o pai. E parece que acertou. Da última vez que falei com o Artur, e até antes disso, do seu comportamento, nas três últimas aulas que se seguiram ao meu aviso, vi como é o medo o único freio que ele aceita. Pois se assim é, assim seja. E fique-me a lição” (p. 304).

Quase ao terminar o Diário e ao despedir-se dos alunos, sente-se compensado do esforço que fez com os alunos mais indisciplinados: “Havia aqui dois casos de mau comportamento: o Artur e o Fosco; mas o Artur tem-se portado como gente grande e fez por completo esquecer o que fora (...) O Fosco, que também vai por bom caminho, é que ainda não dominou de todo o seu demónio interior” (p. 341). Nesse sentido, instiga os outros colegas a ajudá-los. Foi assim que vieram despedir-se dele com emoção, a começar pelo Artur.

## **Conclusão**

Algumas das expressões do Diário de Sebastião da Gama poderiam fazer-nos pensar no “eduquês” (Crato, 2006) ou numa pedagogia ‘romântica’, hedónica ou eudemónica, dentro da linha das chamadas Escolas Novas de inspiração psicanalítica, como por exemplo os escritos de Jorge Mauco (1977) que acentua a personalidade do professor sobre os seus métodos: “O que é importante na educação não é apenas o que o educador diz ou faz, mas o que ele é e o que pode inconscientemente sentir; qualquer método pedagógico vale o que valer aquele que o aplica” (p. 36) (cf. Barros, 2007, pp. 92-98) .

Mas Gama, apesar de poeta, tinha os pés bem assentes na terra e sabia das suas limitações e da fragilidade dos alunos, reconhecendo até, como vimos, que alguns casos mais difíceis o ultrapassavam, devendo recorrer aos pais. Mas isso não significava desistir de ajudar os alunos, nunca tendo a tentação de deitar alguém para o lixo, passe a expressão, pois nenhuma pessoa pode ser desprezada e deixada à sua sorte. De facto ele não usava o método “nós cá contentes, mesmo que não se aprenda

nada". Na realidade, os alunos aprendiam e muito, mas através de métodos activos e criativos, num ambiente gerador de alegria. Deve sempre pensar-se que o aprender é importante, mas mais importante é aprender a arte difícil de viver, aprender a ser responsável, a ser feliz na medida do possível.

Portanto a sua pedagogia ia muito além da mera didáctica para se tornar uma pedagogia vital. E isto só é capaz de fazer um professor se tem uma alma grande, uma alma de poeta, como afirma Herrero (s/d, p. 20): "Porque de uma vida autêntica se trata, o Diário permanece uma lição actual de pedagogia que nos interpela a todos, mostrando que para falar com as crianças e os adolescentes, ao jeito deles, é preciso ter alma e estilo de poeta". Sebastião da Gama colocava a vida no cerne da sua pedagogia, promovendo uma autêntica "cultura da convivência" (*ibid.*, p. 18).

Nada na pedagogia e muito menos na didáctica é definitivo ou dogmático, salvo o amor e o respeito pela pessoa dos alunos, quaisquer que eles sejam, o que exige um grande humanismo por parte de todos os formadores, mormente dos docentes, fazendo coincidir a vocação com a profissão ou vice-versa. A esta luz, a pedagogia do Diário, feita de ensino mas particularmente de vida, continua actual, capaz de dar grandes lições a todos os educadores de hoje: pais, professores, e mesmo políticos e empresários. Como afirma Herrero (s/d, p. 23), o Diário "é um manual educativo cuja leitura será salutar para todos aqueles que se dedicam à causa da educação, quer na escola, quer na família". Porque se trata de "um verdadeiro poema pedagógico". Poema feito principalmente de Amor, capaz de transformar a aula, como toda a vida, numa Festa, geradora de Felicidade. A verdadeira educação deve conjugar sempre estes nobres sentimentos, exortando outrossim os educandos a amar cada vez mais para assim serem felizes. Enfim, a viverem em plenitude, pois a Vida é bela e digna de ser saboreada em cada dia.

## Bibliografia

- Barros, J. (2007). *Psicologia da Educação - 2. Ensino/Professor* (2ª ed.). Porto: LivPsic.
- Crato, N. (2006). *O 'Eduquês' em discurso directo (Uma crítica da pedagogia romântica e construtivista)* (2ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Gama, S. (1962). *Diário*. Lisboa: Edições Ática.
- Herrero, J. (s/d). *Pedagogia de Sebastião da Gama (O "Diário" à luz da Psicopedagogia)* (2ª ed.). Lisboa: Editorial o Livro.
- Mauco, G. (1977). *Psicanálise e Educação* (5ª ed.). Lisboa: Moraes.
- Ribeiro, J. R. (2009). Sebastião da Gama: Entre os 60 anos do Diário e o canto à vida. *Brotéria*, 168 (1), pp. 57-72.

- Rocha, C. (1992). O Diário de Sebastião da Gama. In *Máscaras de Narciso – Estudos sobre a literatura autobiográfica em Portugal* (pp. 235-235). Coimbra: Almedina.
- Santos, A. F. (2008). *Sebastião da Gama – Milagre de vida em busca do eterno*. Lisboa: Roma Editora.

### **Abstract**

Sebastião da Gama (+1952) was a Portuguese poet and writer who also became famous as a pedagogue in the book he wrote about his teaching daily life entitled 'Diário' (Diary). Reading this book can still be useful to teachers, particularly nowadays when the pedagogical relationship seems to be not easy. His (positive) pedagogy is centred on the teacher respect and love for the student, in search of happiness. Thus, he points out as teachers' qualities: to love students, to be creative, respectful, and cheerful. This is reflected upon teaching and evaluation. Discipline is also centred on the student and punishment is only applied as a last resort. To conclude, it is about a vital pedagogy that believes in the student and aims at transforming the class into a social event and a 'party', without neglecting the learning process.

### **Résumé**

Sebastião da Gama (+1952) fut un poète et écrivain portugais, aussi reconnu en tant que pédagogue à travers le livre qu'il a écrit le long de ses cours et qui s'intitule le "Diário" (Journal). Sa lecture peut encore aujourd'hui être utile aux professeurs, particulièrement lorsque la relation pédagogique n'est pas une mince affaire. Sa pédagogie (positive) se centre sur l'élève, le respect et l'amour envers lui, cherchant qu'il soit heureux. De cette manière, le professeur devrait avoir quelques qualités: aimer ses élèves, être créatif, savoir respecter et être heureux. La discipline passe elle aussi à être centrée sur l'élève et la punition est à peine appliquée en situations extrêmes. Selon cet auteur, les conséquences directes de cette pédagogie sont visibles au niveau de la didactique, mais aussi dans le cadre de l'évaluation. C'est ainsi une pédagogie vitale qui croit en l'élève et qui cherche à transformer le cours dans une "fête", mais n'oubliant jamais l'apprentissage.